

## PRIMEIRA CARTA

*A Mrs. Saville, Inglaterra*

São Petersburgo, 11 de dezembro de 17...

Alegrar-te-á saber que nenhuma tragédia assinalou o início de uma empresa que consideraste com tão maus pressentimentos. Cheguei aqui ontem e apresso-me a tranquilizar a minha querida irmã quanto ao meu bem-estar e à crescente confiança que tenho no êxito da minha missão.

Já estou muito a norte de Londres e quando caminho pelas ruas de São Petersburgo sinto nas faces uma brisa boreal, que me fortalece os nervos e me enche de júbilo. Compreendes este sentimento? Esta brisa, vinda das regiões para as quais me dirijo, proporciona-me um antegoço daqueles climas gélidos. Fortalecidos por este vento de promessa, os meus sonhos tornam-se mais fervorosos e reais. Tento em vão persuadir-me de que o polo é a terra dos gelos e da desolação, mas apesar dos meus esforços chega a apresentar-se à minha imaginação como a terra da beleza e do deleite. Ali, Margaret, o Sol é sempre visível, o seu grande disco roça no horizonte e irradia um esplendor perpétuo. Ali — sim, pois com tua licença, minha irmã, atrevo-me a confiar um pouco nos navegadores precedentes —, ali, a neve e o gelo não existem e, navegando num mar calmo, talvez sejamos conduzidos a uma terra que ultrapasse em maravilhas e beleza todas as regiões até agora descobertas no Globo habitável. Os seus produtos e as suas características talvez sejam únicos, sem pa-

ralelo, como o são, sem dúvida, os fenómenos dos corpos celestes, naquelas solidões ainda não descobertas. Que não se poderá esperar de uma região de luz perene? Talvez lá descubra qual é a força maravilhosa que atrai a agulha da bússola, talvez até consiga confirmar mil observações celestes a que só falta esta viagem para que as suas aparentes excentricidades se tornem para sempre coerentes. Satisfarei a minha ardente curiosidade com a visão de uma parte do Mundo jamais visitada e pisarei, quiçá, uma terra em que o pé do Homem nunca deixou ainda a sua marca. São estes os meus incentivos e chegam, acredita, para vencer todo o medo de perigos ou de morte e para me incitarem a iniciar esta difícil viagem com a alegria de uma criança que, nas férias, se mete num barquito com os amigos, à descoberta do rio da sua terra natal. Mas, mesmo que admitamos a possibilidade de todas estas conjeturas serem falsas, será impossível contestar o inestimável serviço que prestarei a toda a Humanidade, até à derradeira geração, descobrindo perto do polo uma passagem para os países aonde hoje só se consegue chegar após muitos meses de viagem, ou desvendando o segredo do magneto, coisa que, a ser possível, só se conseguirá com um empreendimento como este meu. Estas reflexões dissiparam a agitação que sentia quando comecei a escrever esta carta, e sinto o meu coração trasbordante de um entusiasmo tão grande que me eleva ao céu. É que nada contribui tanto para tranquilizar o espírito como um objetivo firme, um ponto em que a alma fixe o seu olho intelectual. Esta expedição foi o sonho preferido dos meus verdes anos. Li, com ardente entusiasmo, relatos de diversas viagens empreendidas com o fito de chegar ao Pacífico Norte através dos mares que circundam o polo. Como te deves lembrar, toda a biblioteca do nosso bom tio Thomas se compunha da história de todas as viagens empreendidas com o objetivo da descoberta. A minha instrução foi descuidada, mas eu gostava apaixonadamente de ler. Esses livros foram o meu estudo, dia e noite, e a minha familiaridade com eles aumentou o desgosto que sentira em criança, ao saber que, à hora da morte, o meu pai proibira o meu tio de me autorizar a dedicar-me à vida do mar.

Essas visões dissiparam-se quando, pela primeira vez, li aqueles poetas cujas efusões me sublimaram a alma e a ergueram ao céu. Tornei-me também poeta e, durante um ano, vivi num paraíso por

mim próprio criado. Imaginei que poderia, igualmente, conquistar um nicho no templo onde são consagrados os nomes de Homero e Shakespeare, e tu sabes bem como falhei e quanto me doeu a desilusão. Mas nessa altura herdei a fortuna do meu primo e os meus pensamentos regressaram ao caminho que primeiro os atraíra.

Passaram seis anos desde que decidi entregar-me a esta empresa. Ainda recordo a hora precisa em que resolvi dedicar-me a tão grande tarefa. Comecei por habituar o meu corpo à fadiga e à vida dura. Acompanhei os pescadores de baleias em várias expedições ao mar do Norte e, voluntariamente, suportei frio, fome, sede e vigílias; não poucas vezes trabalhei mais duramente do que os simples marinheiros, durante o dia, e dediquei as minhas noites ao estudo da matemática, ao aprendizado teórico da medicina e dos ramos das ciências físicas de que um aventureiro naval pode tirar as maiores vantagens práticas. Engajei-me duas vezes como contramestre, num baleeiro da Gronelândia, e mereci a admiração dos meus superiores. Confesso que me senti um pouco orgulhoso quando o capitão me ofereceu o posto de imediato e me pediu, com a maior insistência, que continuasse a bordo, tão valiosos considerava os meus serviços.

E agora, querida Margaret, não merecerei realizar um grande feito? Podia ter vivido no ócio e no luxo, mas preferi a glória a todas as tentações que a fortuna atravessou no meu caminho. Oh, se uma voz encorajadora me respondesse na afirmativa! A minha coragem e a minha resolução são firmes, mas as minhas esperanças oscilam e às vezes sinto-me deprimido. Estou prestes a iniciar uma longa e difícil viagem, cujas surpresas exigirão toda a minha coragem e toda a minha força, pois tenho o dever não só de animar os outros, como também de conservar o meu próprio ânimo, quando sentir o deles desfalecer.

Esta é a estação mais apropriada para viajar na Rússia. Eles deslizam velozmente sobre a neve, nos seus trenós, e o movimento é agradável — quanto a mim muito mais agradável, até, do que o de uma diligência inglesa. O frio não é excessivo, desde que nos agasalhemos com peles — estilo de vestuário que já adotei, pois existe uma grande diferença entre caminhar no convés e ficar sentado e imóvel durante horas, sem fazer exercícios que não deixem o san-

gue gelar-nos, deveras, nas veias. Não tenho o mínimo desejo de perder a vida na estrada entre São Petersburgo e Arcangel.

Partirei para a segunda cidade dentro de uma quinzena ou três semanas. Tenciono alugar lá um barco — o que não é difícil, desde que se pague o seguro em nome do proprietário — e engajar os marinheiros que me pareçam necessários, entre os que estiverem habituados à pesca da baleia. Não penso fazer-me ao mar antes de junho. Mas quando regressarei? Ah, querida irmã, como poderei responder a tal pergunta? Se for bem-sucedido, passarão muitos meses, ou talvez até anos, antes de nos voltarmos a ver. Se falhar, rever-me-ás em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida e excelente Margaret. Que o Céu te cubra de bênçãos e me poupe, para que eu possa demonstrar-te vezes sem conta a minha gratidão por toda a tua ternura e bondade. Teu irmão afetuoso,

*R. Walton*

## SEGUNDA CARTA

*A Mrs. Saville, Inglaterra*

Arcangel, 28 de março de 17...

Como o tempo parece passar lentamente, aqui, cercado como estou de neve e gelo! No entanto, está dado um segundo passo para a concretização do meu empreendimento. Aluguei um barco e ando ocupado na escolha dos meus marinheiros. Os que já contratei parecem-me homens com os quais poderei contar e possuidores de intrépida coragem.

Mas tenho uma necessidade que ainda não consegui satisfazer, falta-me algo cuja ausência me atormenta como um mal muito grave. Não tenho nenhum amigo, Margaret. Quando o entusiasmo do êxito me incendiar, não terei ninguém com quem compartilhar o meu júbilo; se a desilusão me deprimir, ninguém tentará dar-me ânimo. Transmitirei os meus pensamentos ao papel, bem sei, mas trata-se de fraco meio de comunicação de sentimentos. Desejo a companhia de um homem capaz de me compreender, cujos olhos saibam responder aos meus olhos. Julgar-me-ás romântico, minha querida irmã, mas crê que sinto cruelmente a falta de um amigo. Não tenho ninguém junto de mim, uma pessoa amável mas corajosa, possuidora de uma mentalidade simultaneamente culta e competente, alguém cujos gostos sejam os meus gostos e que saiba aprovar ou corrigir os meus planos. Como um amigo assim repararia os erros do teu pobre irmão! Lanço-me na execução com excessivo ardor e